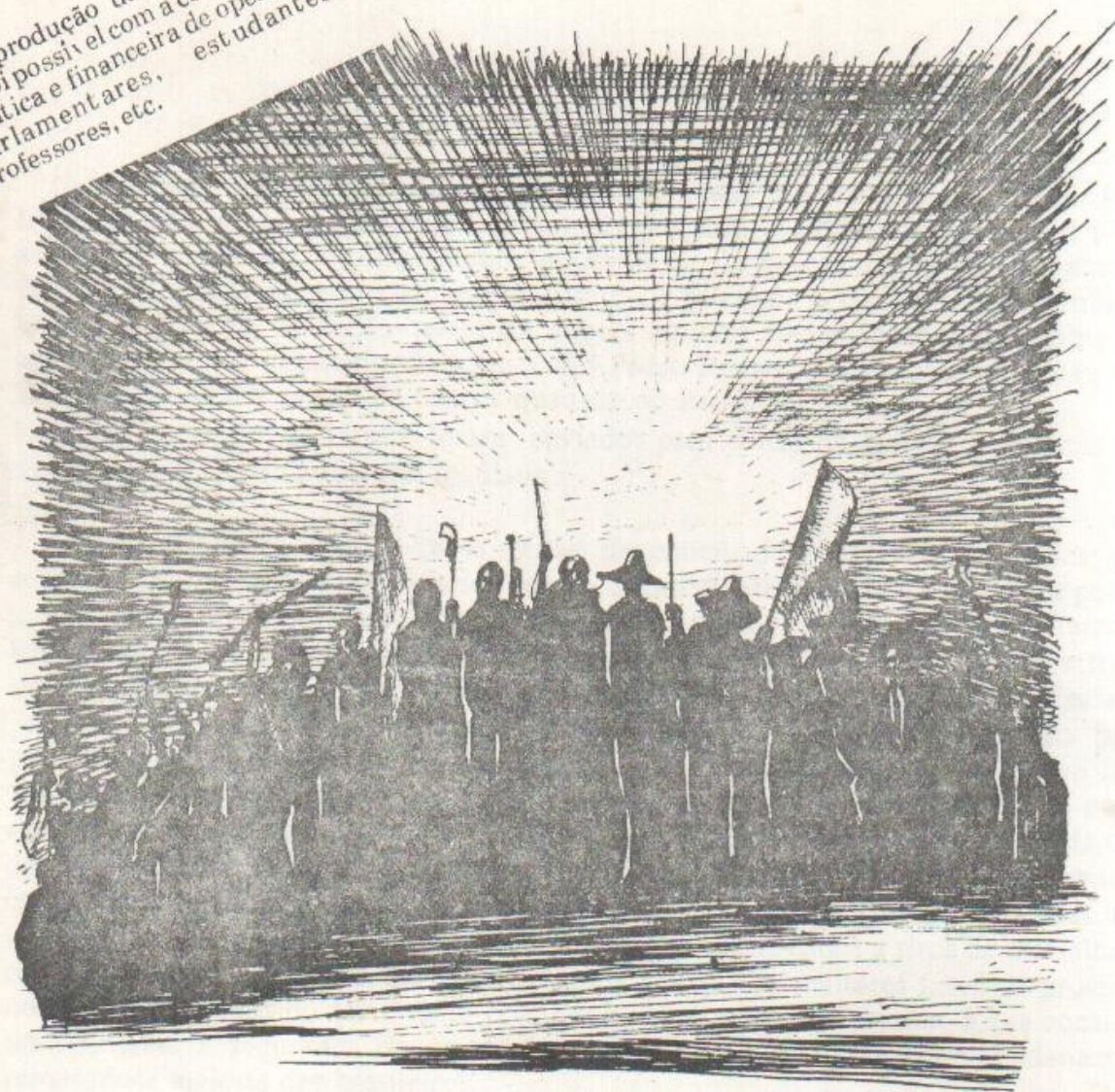
POMAR, ARROIO, DRUMOND, HERóIS DO POVO BRASILEIRO!

A reprodução deste documento só foi possível com a contribuição política e financeira de operários, parlamentares, estudantes, professores, etc.

*** Este documento é uma reprodução parcial do nº 112, de janeiro de 1977, do jornal "A CLASSE OPERÁRIA", órgão central do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL — PC do B.**

CRIME MONSTRUOSO DOS GENERAIS FASCISTAS

A ditadura militar-fascista vem de cometer mais um monstruoso crime. Apoiada numa extensa e requintada máquina policial que tem nas Forças Armadas seu principal expoente, conseguiu localizar alguns militantes e dirigentes do Partido Comunista do Brasil. O II Exército, em colaboração com o I Exército e o CENIMAR, incumbiu-se de levar a cabo uma operação terrorista contra aqueles elementos que culminou com o assassinato frio e calculado dos camaradas Pedro Pomar, Ângelo Arroio e João Batista Drumond e com a prisão de outros quadros do Partido. (...)
Logo após a prisão, os detidos foram enviados para o Rio de Janeiro e submetidos lá como no II Exército a torturas ignóbeis.

Geisel, desde há muito, tenta posar de conciliador. Face aos protestos que se avolumaram no Brasil e no exterior contra o assassinato e a tortura de presos políticos, particularmente quando da morte no II Exército do jornalista Wladimir Herzog, ele tentou enganar a opinião pública com pretensas medidas "legalistas" e com a troca de alguns comandos nas Forças Armadas. Certos generais passaram a fazer declarações "solenes" de que não permitiriam ofensas físicas aos detentos. Tudo não passava, porém, de uma farsa, como na época assinalara o nosso Partido. O banditismo fascista continua e nem sequer pode guardar as aparências. Ontem, um padre amigo do povo era assassinado em Mato Grosso. Depois, bombas explodiam nas sedes da ABI e da Ordem dos Advogados colocadas por bandos para-policiais. Mais recentemente, uma centena de camponeses, amarrados como bichos, sofriam toda sorte de torturas nas ruas de São Geraldo, no Araguaia. Agora dirigentes comunistas são abatidos a tiros de metralhadoras ou nas câmaras de tortura. Os fatos demonstram que os militares fascistas prosseguem no mesmo caminho do terrorismo policial, há anos posto em prática, e que consideram indispensável à segurança de um regime antinacional e antipopular condenado pela esmagadora maioria dos brasileiros.

Usam o terror fascista tentando liquidar os mais combativos ativistas do movimento patriótico, democrático e popular e, ao mesmo tempo, visando amedrontar as correntes de oposição que crescem a cada dia. Baseados na orientação dos serviços de inteligência dos Estados Unidos, creem que eliminando os dirigentes e os quadros mais experimentados conseguirão destruir o Partido Comunista e impedir que cumpra o seu papel. Chegam a afirmar nos bastidores que faltam apenas matar uns poucos dirigentes do PC do Brasil para considerar terminada a sua tarefa. Mas o Partido é indestrutível como provam seus cinquenta e cinco anos de existência. Sempre perseguido, e na

clandestinidade a maior parte do tempo, jamais foi destroçado pela reação. Porque ele representa uma necessidade histórica e é o partido dos explorados e oprimidos. Não há força capaz de destruir a vanguarda da classe operária brasileira, cuja bandeira emancipadora tremula em toda a parte onde existem opressão e injustiças sociais. O lugar dos que tombam sempre foi ocupado por novos revolucionários surgidos, em número cada vez maior, do próprio agravamento das contradições básicas da sociedade.

Os falsos argumentos invocados pelos bandidos de farda para justificar o assassinato de patriotas e revolucionários não conseguem medrar. O povo compreende e sente na própria carne o que significa a política da ditadura fascista: fome, desemprego, carestia de vida, leilão internacional das riquezas do país, dívidas externas colossais, censura, abandono da infância, aumento considerável da criminalidade, pobreza e miséria sobretudo nas áreas rurais. Vê que o trabalho dos brasileiros resulta fundamentalmente em gigantescos lucros para as empresas estrangeiras. O Brasil – que a 7 de setembro de 1822 havia proclamado sua independência – é hoje mais dependente do que nunca, atado inteiramente ao carro espoliador dos trustes e monopólios, em especial dos Estados Unidos. Os militares levaram o país a maior crise de sua história. De tudo isto, o povo tira suas conclusões: os fascistas matam e torturam para silenciar a voz dos oprimidos, dos que combatem nas primeiras linhas em defesa das grandes massas populares, dos que querem a liberdade, o verdadeiro progresso, a independência nacional. Dos que desejam um porvir luminoso para a nação.

Precisamente por isso crescem os anseios de derrubada da ditadura. O povo brasileiro não é escravo nem se submete aos tiranos e traidores da pátria. Sabe que os generais assassinos e entreguistas não são tão fortes como aparentam. A força se transforma em debilidade e em derrota quando a causa que defende é injusta e infame, tal como ocorre com os militares no Poder. Eles se encontram isolados e concentram o ódio dos democratas e patriotas. Recorrendo a todas as formas de luta, cada vez mais extensas e decididas, nas cidades e no campo, unindo suas fileiras e respondendo ao banditismo com a mobilização sempre maior das massas, os brasileiros, ansiosos de liberdade, verão aproximar-se o dia final da existência do mais vergonhoso e putrefato regime pelo qual o Brasil já passou.

Não há dúvida que se intensifica a luta contra os atos banditescos e a política criminosa dos generais. Dezenas de diretórios universitários e outras organizações e personalidades verberaram o assassínio dos dirigentes comunistas e reclamaram tratamento digno aos presos políticos. No exterior se desenvolve ampla campanha de solidariedade. É prova de que o nosso povo não se deixa atemorizar, está disposto a prosseguir no bom combate contra seus inimigos mortais. E não se encontra só.

O sangue de Pedro Pomar, Ângelo Arroio e João Batista Drumond não correu em vão. Transforma-se num apelo eloquente aos operários, camponeses, estudantes, intelectuais, aos democratas e patriotas para levar adiante a gloriosa tarefa de livrar o Brasil da peste militar-fascista e conquistar o direito a uma nova vida de liberdade, progresso, independência e justiça social.

COMUNICADO DO COMITÊ CENTRAL DO PC DO BRASIL

1 Em meados de dezembro, os órgãos de repressão das Forças Armadas iniciaram, em São Paulo, a perseguição a alguns militantes e dirigentes do Partido Comunista do Brasil. Localizada uma residência no bairro da Lapa, onde se encontravam outros camaradas, o II Exército conseguiu efetuar algumas prisões. Pela manhã do dia 16 organizou aparatoso cerco àquele local com fins terroristas. Utilizando metralhadoras, bombas e inclusive armas pesadas, atacou a referida residência deixando-a semi-destruída. Após o ataque a casa foi totalmente saqueada pelas forças repressivas.

Nesse ataque criminoso contra o PC do Brasil, que luta pela liberdade e a independência nacional, o Exército assassinou covardemente três de seus mais destacados dirigentes: os camaradas Pedro Pomar, Ângelo Arroio e João Batista Drumond. Prendeu também e torturou selvagemente outros quadros do Partido (...)

O assassinato dos camaradas Pedro Pomar, Ângelo Arroio e João Batista é um ato premeditado e friamente executado pelo Exército. Desde há muito os nomes dos principais dirigentes do Partido constam de listas organizadas pelas Forças Armadas com vista a serem procurados e mortos. Nessa infame e sinistra tarefa, as Forças Armadas cumprem o seu papel de cão de fila da reação contra o povo e ao mesmo tempo de serviçais dos imperialistas norte-americanos, cuja estratégia contra o movimento revolucionário inclui a liquidação física de dirigentes e quadros dos partidos e organizações que lutam efetivamente pela democracia, a independência nacional e o socialismo.

A morte dos camaradas Pomar, Arroio e João Batista causa profunda dor aos comunistas, constitui um duro golpe para o nosso Partido e para todo o movimento democrático e revolucionário brasileiro. Eram experimentados dirigentes, valorosos combatentes das causas populares, fiéis defensores dos interesses da classe operária. Sempre estiveram nas primeiras fileiras dos que lutam contra a opressão e as injustiças sociais, dos que combatem a infame ditadura militar-fascista – odiosa criação dos imperialistas ianques e das forças mais reacionárias do nosso país. Eles dedicaram sua vida à revolução, levantaram bem alto a bandeira invencível do marxismo-leninismo.

O sacrifício supremo de suas vidas não foi, porém, em vão. Morreram lutando pelas liberdades e pelos supremos interesses da maioria da nação. São mártires e heróis da luta de emancipação nacional e social do povo brasileiro. Seu exemplo glorioso educa os revolucionários a se manter indobráveis diante da repressão, servirá de estímulo aos verdadeiros patriotas para levar às últimas consequências o combate à ditadura militar-fascista que entrega o país à espoliação voraz do capital estrangeiro enquanto mata os que não se conformam com o despotismo e a traição à pátria.

O Partido Comunista do Brasil rende sua mais sentida homenagem aos queridos e inesquecíveis camaradas tombados na luta. Inclina suas bandeiras de combate em honra a Pedro Pomar, Ângelo Arroio e João Batista Drumond, heróicos revolucionários brasileiros, combatentes da grande causa da democracia, da independência nacional e do socialismo.

Glória eterna à sua memória!

2 O Partido Comunista do Brasil chama o povo a protestar veementemente contra o assassinato de Pedro Pomar, Ângelo Arroio e João Batista Drumond. Esse crime da ditadura afeta não apenas os comunistas, atinge a todos os democratas e patriotas, aos trabalhadores em geral. Os generais fascistas estendem cada vez mais sua ação terrorista que já alcança largos setores da população. Em desespero ante o fracasso de sua política e o crescimento incessante da oposição ao seu regime tirânico, os militares recorrem a processos bestiais na tentativa de sufocar os protestos populares.

(...)

4 O Partido Comunista do Brasil chama igualmente o povo a tomar em suas mãos a defesa dos presos políticos (...) submetidos a torturas e vexames de toda a ordem.

A mobilização da opinião pública pode ajudar a deter o braço dos torturadores. É uma afronta aos sentimentos democráticos da nação que o assassino confeso e degenerado chefe do Esquadrão da Morte, o delegado Sérgio Fleuri, tenha sido indicado o responsável pelo inquérito instaurado contra os detidos a 15 e 16 de dezembro em São Paulo. Isto bem demonstra a disposição dos militares de prosseguir na senha criminosa que, de longa data, caracteriza a conduta dos governos saídos do golpe de 1º de abril de 1964.

5 Face à ferocidade da reação, dirigida especialmente contra o PC do Brasil, faz-se indispensável que todo o Partido eleve a vigilância revolucionária, que não subestime, no mínimo que seja, a ação repressiva da ditadura. É preciso cumprir rigorosamente as normas de trabalho clandestino e aplicar métodos corretos de atuação que permitam uma ampla atividade entre as massas e simultaneamente contribuam para

defender os militantes e as organizações partidárias da ação policial. Particular atenção precisa ser dada aos contatos entre os organismos, contatos que só se devem fazer com plena segurança. Uma vez mais é imprescindível que os militantes e dirigentes discutam o conteúdo do artigo publicado em A CLASSE OPERÁRIA, de setembro de 1973, intitulado "Elevar o nível do trabalho partidário".

Os organismos que, devido às ocorrências de 15 e 16 de dezembro, perderam a ligação com as direções intermediárias ou central devem prosseguir na aplicação da linha do Partido, no cumprimento de suas tarefas, evitando os contatos que se apresentem como suspeitos ou não ofereçam segurança. Os "pontos" anteriormente combinados com a direção central para efeito de contatos devem ser cancelados, pois existe a possibilidade de terem caído em mãos do inimigo. Impõe-se analisar cuidadosamente a situação de cada organização ou militante a fim de verificar se não há pontos débeis, em particular dos que eventualmente possam ter relação com as quedas ocorridas em São Paulo. Impõe-se também aprofundar o exame das causas que deram motivo à localização dos dirigentes do Partido.

6 Os comunistas não se intimidam com a repressão fascista, sabem que poderão vencê-la. A cada golpe recebido cerram mais ainda suas fileiras em defesa dos objetivos que perseguem. E redobram de esforços na aplicação da linha política do Partido que a vida tem comprovado ser correta e capaz de levar o povo à vitória. Os que caem na luta em prol dos explorados e oprimidos serão substituídos por muitos outros, decididos a ocupar um posto de honra no sagrado combate por uma causa que é justa.

O COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

POMAR, ARROIO E DRUMOND HERÓIS DO POVO BRASILEIRO

Pedro Pomar era um dos mais conhecidos dirigentes comunistas do nosso país, tendo militado quarenta e dois anos nas fileiras do Partido. Nasceu a 23/9/913, na cidade de Óbidos, Estado do Pará. Sua mãe, sozinha, enfrentou enormes dificuldades para criar os filhos. Ao completar os estudos secundários, Pomar conseguiu ingressar na Faculdade de Medicina de Belém, onde cursou apenas os dois primeiros anos. Em 1935, ingressou no Partido Comunista do Brasil, na clandestinidade, chegando a ocupar um cargo no Comitê Regional do Pará. Tomou parte ativa na campanha democrática e patriótica da Aliança Nacional Libertadora e apoiou com entusiasmo a insurreição de novembro de 1935. Vivendo na clandestinidade, devido às perseguições policiais que se seguiram à derrota da insurreição da ANL, dedicava-se à tarefa de construção do Partido. Esteve várias vezes na prisão. Em 1940, quando recrudesceu a vaga repressiva aos comunistas, estimulada pelos nazi-fascistas, Pomar foi detido uma vez mais, permanecendo no cárcere cerca de um ano. Em agosto de 1941, juntamente com outros camaradas, empreendeu audaciosa fuga da prisão. Nessa época, o Comitê Central do Partido havia caído em mãos da reação, e as organizações estaduais encontravam-se quase todas praticamente destroçadas. A reconstrução do Partido era tarefa urgente e fundamental. Pomar, em companhia do camarada Amazonas, dirigiu-se para o Rio de Janeiro, realizando difícil e prolongada viagem através de regiões inóspitas. Chegando ao Rio, em fins de 1941, empenhou-se na reorganização partidária, tornando-se membro da Comissão Nacional de Organização Provisória (CNOP). Em 1943, foi um dos organizadores da Conferência da Mantiqueira que reorganizou o Partido em escala nacional. Seu nome figurou entre os membros do Comitê Central e da Comissão Executiva então eleitos. Com a conquista da legalidade do Partido, em 1945, Pomar exerceu o cargo de diretor da TRIBUNA POPULAR, diário de massas do PC do Brasil. Mais tarde dirigiu também a IMPRENSA POPULAR, do Rio, e colaborou ativamente em NOTÍCIAS DE HOJE, de São Paulo. Em janeiro de 1947, elegeu-se deputado federal por São Paulo, concorrendo ao pleito sob legenda partidária aliada, tendo exercido o mandato por quatro anos. Nessa função foi intransigente defensor da orientação do Partido, cujo registro legal fora cassado em maio de 1947. Como dirigente do Partido, Pomar trabalhou em vários Estados, ocupando diferentes cargos. Esteve no Pará, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo. Representou o PC do Brasil em reuniões de organizações democráticas de âmbito mundial e também em diversos congressos de Partidos irmãos, tornando-se um nome muito conhecido internacionalmente. Nos fins da década de 50, tomou posição firme no combate ao oportunismo de direita que então grassava na direção do Partido, com Prestes à frente. Participou do histórico debate do V Congresso do PC do Brasil, em 1960, no qual se enfrentaram abertamente duas concepções opostas – a dos revisionistas e a dos marxistas-leninistas. Pomar defendeu o

caminho revolucionário, criticou e desmascarou Prestes e seus seguidores. Quando, um ano depois, os revisionistas que se haviam apoderado da direção do Partido deram novos passos para transformá-lo definitivamente num agrupamento social-democrata, Pomar foi dos primeiros a defender o antigo partido da classe operária e a trabalhar pela sua reorganização.

Em fevereiro de 1962, encontra-se entre os organizadores da Conferência Nacional Extraordinária que reestruturou o Partido Comunista do Brasil e é um dos signatários do seu Manifesto-Programa. Aí foi eleito membro do Comitê Central e da Comissão Executiva, sendo também indicado para o cargo de redator-chefe de A CLASSE OPERÁRIA. Na VI Conferência Nacional do Partido, em 1966, tomou parte destacada na elaboração da tática geral do Partido, visando à luta contra a ditadura militar-fascista e o imperialismo norte-americano e em defesa das liberdades e da independência nacional. Após o assassinato dos três membros da Comissão Executiva, em fins de 1972, Pomar incumbiu-se da direção da Comissão Nacional de Organização. Revolucionário consequente, era odiado pelos militares fascistas que cassaram seus direitos políticos por dez anos e já o haviam condenado à revelia, na Justiça Militar, por três vezes a penas que somavam um total de oito anos.

Durante os quase quinze anos de reorganização do Partido, Pomar destacou-se como um batalhador incansável do fortalecimento do PC do Brasil, como adversário do revisionismo contemporâneo que tem à sua frente os renegados do Cremlin e como ardoroso partidário do internacionalismo proletário. Pessoa de elevada moral, sempre levou vida modesta e inteiramente dedicada ao Partido e à revolução. Homem de cultura, foi um estudioso da História do Brasil, esforçando-se por interpretar o passado do país à luz do marxismo-leninismo.

O assassinato de Pedro Pomar, destacado dirigente comunista, priva a classe operária e o povo brasileiro da colaboração eficiente e inteligente de um de seus melhores filhos.

Ângelo Arroio, operário metalúrgico, filho de família proletária, nasceu em São Paulo, a 6/11/928. Ingressou no Partido Comunista do Brasil em 1945. No ano seguinte, era eleito membro do Comitê Regional de São Paulo e 1º Secretário do Comitê Distrital da Mooca, bairro de forte concentração industrial. Foi ativista do movimento sindical paulista, tornando-se um dos líderes do Sindicato dos Metalúrgicos na década de 50. Destacou-se sempre como firme defensor dos interesses da classe operária a qual servia de todo o coração. Durante muitos anos lutou contra a influência nefasta dos pelegos nos Sindicatos, esforçando-se para que essas organizações fossem dirigidas por elementos fiéis à sua origem classista. Tomou parte, como ativista e dirigente, das grandes e combativas greves e das manifestações de rua do proletariado de São Paulo, em 1952/53. Contribuiu decididamente para criar núcleos comunistas nas fábricas tendo em vista enraizar o Partido no seio da classe operária. Preso várias vezes, teve

comportamento exemplar ante o inimigo de classe. Desde que ingressou no Partido, estudava seriamente o marxismo-leninismo e procurava elevar o nível de sua consciência revolucionária. Em novembro de 1954, no IV Congresso do Partido, foi eleito membro do Comitê Central. Quando Kruschov e seus sequases renegaram a revolução e o socialismo, Arroio não aceitou as teses revisionistas. Em especial, repudiava os ataques a Stálin. Opôs-se no V Congresso do Partido, em 1960, à orientação oportunista de Prestes, rejeitando o chamado caminho pacífico e afirmando que o povo brasileiro jamais se libertaria de seus opressores sem empreender a luta armada. Estava convencido de que a sua classe só alcançaria o socialismo através da revolucão proletária, dirigida pelo seu partido de vanguarda. Entre 1960 e 1962 desenvolveu intensa atividade em São Paulo contra os revisionistas.

Em fevereiro de 1962, tomou parte na Conferência Nacional Extraordinária que reorganizou o Partido Comunista do Brasil. Foi um de seus organizadores, sendo nela eleito membro do Comitê Central e da Comissão Executiva. Após a reorganização dedicou-se com grande entusiasmo à tarefa de reestruturação partidária. Desde 1964, quando o Partido indicou o campo como o problema-chave da revolução no Brasil, Arroio foi enviado para trabalhar nas áreas rurais. Conviveu anos seguidos com as massas camponesas pobres de diferentes pontos do país. Não teve dificuldades para identificar-se com as pessoas simples do interior. Compreendia profundamente que as aspirações sentidas do campesinato somente poderiam tornar-se realidade através da luta revolucionária.

Trabalhando no campo, Arroio preocupava-se com o estudo da arte militar que julgava imprescindível à libertação do povo brasileiro. Estudava não apenas as experiências internacionais como também os movimentos populares armados que se tinham realizado no Brasil, procurando deles tirar preciosos ensinamentos. Quando o Exército atacou, em abril de 1972, os moradores do Araguaia – onde então ele se encontrava – apoiou valorosamente a resistência armada aos desmandos da ditadura. Ajudou a criar os destacamentos guerrilheiros e a ligá-los estreitamente às massas pobres do campo. Foi um dos comandantes da luta heróica do sul do Pará que tão grandes ensinamentos trouxe ao movimento revolucionário brasileiro.

A simplicidade, a modéstia, a firmeza e a cordialidade com os companheiros eram nele a sua própria maneira de ser. Possuía as qualidades de um verdadeiro proletário revolucionário e de homem de Partido. Internacionalista decidido, admirador dos partidos marxistas-leninistas, em particular do Partido do Trabalho da Albânia, defendia a necessidade de maior intercâmbio entre os partidos a fim de tornar sólida a unidade de pensamento e de ação do movimento comunista mundial. Largamente estimado no Partido, também era querido e respeitado pelos trabalhadores das cidades e do campo que o conheceram. Ao mesmo tempo atraía o ódio dos generais fascistas. Estes já haviam cassado seus direitos políticos por dez anos e a Justiça Militar o tinha condenado à revelia a onze anos de prisão. No dia 16 de dezembro o assassinaram barbaramente.

Arroio foi um lutador consequente e até ao fim de sua vida pela liberdade, pela independência nacional e pelo socialismo.

João Batista Franco Drumond nasceu em Minas Gerais e contava trinta e quatro anos de idade. Antigo militante de Ação Popular, iniciou sua atividade política no movimento estudantil. Foi presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Ciências Econômicas de Belo Horizonte e um dos principais organizadores do 27º e 28º Congressos da União Nacional de Estudantes. No início da década de 60, como líder estudantil ligou-se ao movimento camponês do sul de Minas ajudando a desenvolver a campanha em prol da reforma agrária. Perseguido pela repressão em seu Estado natal, transferiu-se para o Nordeste. Aí realizou intensa atividade contra a ditadura militar e em defesa dos interesses populares. Estudioso dos problemas sociais, voltou-se para o marxismo-leninismo que procurou assimilar e aplicar à realidade brasileira. Ao tomar conhecimento da orientação revolucionária do Partido Comunista do Brasil, Drumond passou a interessar-se por sua atuação, compreendeu a importância e o papel da organização de vanguarda do proletariado brasileiro. Desde então juntou-se aos elementos de Ação Popular que buscavam o caminho da unidade com o Partido. Antes mesmo da incorporação de Ação Popular ao PC do Brasil, Drumond (e todo o setor organizativo que ele dirigia) ingressou nas fileiras comunistas. Tornou-se ativo militante, ocupando o cargo de dirigente regional. Sob sua direção reforçou-se o trabalho do Partido no Estado em que se encontrava assim como sua ligação com as massas. Demonstrou plena identificação com a linha e as posições políticas e ideológicas do Partido. Em 1974, com a reorganização da direção partidária, Drumond foi promovido a membro do Comitê Central do PC do Brasil. Por sua atividade democrática, patriótica e revolucionária, teve seus direitos políticos cassados por dez anos pela ditadura e fora condenado à revelia na Justiça Militar a quatorze anos de prisão. João Batista Franco Drumond morreu jovem, mas consciente de que somente a revolução e o socialismo poderão assegurar o progresso, a liberdade, a independência nacional e a felicidade para o nosso povo.

"O sangue de Pedro Pomar, Ângelo Arroio e João Batista Drumond não correu em vão. Transforma-se num apelo eloquente aos operários, camponeses, estudantes, intelectuais, aos democratas e patriotas, para levar adiante a gloriosa tarefa de livrar o Brasil da peste militar-fascista e conquistar o direito a uma nova vida de liberdade, independência e justiça social"